

DIONISO E ADÓNIS: AS FESTAS EM SUA HONRA

Maria Leonor Santa Bárbara

Muitas são as festividades que encontramos na Grécia antiga. São, em geral, de carácter religioso e têm como objectivo a veneração de divindades determinadas. Temos, assim, os jogos pan-helénicos – Olímpicos (em honra de Zeus), Píticos (em honra de Apolo), Ístmicos (em honra de Posídon) e os Nemeus (em honra de Hércules). Mas também as festas particulares de certas cidades, das quais as mais conhecidas são, sem dúvida, as que decorrem em Atenas, tanto em honra de Atena, como as que se realizam em honra de Dioniso.

Para esta comunicação decidimos recorrer a duas festas que nos são referidas por dois autores tão diversos entre si como o são Eurípides e Teócrito. Trata-se das festas em honra de Dioniso e das que se realizam em honra de Adónis, escolhidas por apresentarem dois traços comuns: conhecemos ambas pelo relato de dois poetas e qualquer delas está associada à fertilidade.

Obviamente que as mais importantes são as de Dioniso. Não é, aliás, por acaso que são objecto de toda uma tragédia de Eurípides, enquanto as de Adónis têm apenas direito a alguns versos de um Idílio de Teócrito.

Dioniso não é uma divindade qualquer. Apesar de ter sido considerado, durante algum tempo, uma divindade nova, a verdade é que já lhe são feitas referências na época micénica. De acordo com a lenda seria fruto dos amores de Zeus e Sémele, uma das filhas de Cadmo. Enciumada, Hera persuadira a filha do rei de Tebas a convencer o seu amante a conceder-lhe um desejo – que se lhe apresentasse em todo o seu esplendor. A ingénua Sémele assim fez e o resultado foi ver-se fulminada. Zeus só teve tempo de recolher a criança que ela tinha no ventre e guardá-la, durante o tempo que faltava para

o parto, na sua coxa. No entanto, a divindade de Dioniso não foi imediatamente reconhecida e a sua mãe terá sido até acusada de ter justificado com o deus um amor ilícito.

O facto é que os Gregos tiveram alguma dificuldade em aceitar o deus, sendo-lhe frequentemente atribuída uma origem recente e oriental. As festas em sua honra são geralmente caracterizadas pela lascívia e pela falta de decoro e a associação do deus ao vinho contribui para que o estado de posse divina seja confundido com embriaguez. Claro que houve locais, como Atenas, que organizaram em honra do deus festas, associadas à natureza, à fertilidade, mas também a actividades artísticas, que incluíam representações dramáticas, com o objectivo de evitar os distúrbios provocados pelas Bacantes. Refira-se, também, que o deus tinha assento em Delfos, durante o Inverno, altura em que Apolo se ausentaria do templo para permanecer entre os Hiperbóreos.

Aquilo que Eurípides nos oferece, n' *As Bacantes*, é uma descrição das festas usualmente relacionadas com o deus, em que as mulheres de Tebas abandonam a cidade, indo para os montes celebrar o deus. Dada a questão do seu nascimento (referida acima), deparamo-nos aqui com um outro aspecto – só relevante para o desenvolvimento da tragédia – que é o da pretensa vingança de Dioniso por não ser reconhecido pelos seus próprios parentes como uma divindade. Mas aqui ater-nos-emos aos aspectos relativos à festa.

Começemos pela descrição do deus. Como nos diz o texto¹, Dioniso é um deus proveniente do oriente, como ele próprio diz no prólogo:

“Deixei os campos auríferos dos Lídios e dos Frígios, alcancei as planuras persas escaudadas pelo Sol, as cidades amuralhadas da Bactriana e as terras geladas dos Medos, a próspera Arábia, a Ásia toda que jaz ao longo do salgado mar, com as suas cidades de belas torres a abarrotar de Helenos misturados com bárbaros, até chegar a esta cidade grega, só depois de lá ter estabelecido as minhas danças e instituído os mistérios, a fim de me manifestar aos mortais como um deus.”²

Mas, logo a seguir explica por que começou por Tebas, a primeira cidade da Grécia onde pretende iniciar o seu culto:

¹ As citações usadas são extraídas da tradução portuguesa: Eurípides, *As Bacantes* (introdução, tradução do grego e notas de Maria Helena da Rocha Pereira), Lisboa, Edições 70, 1998.

² Eurípides, *As Bacantes*, vv. 12-20.

“É que as irmãs de minha mãe – quem menos devia fazê-lo – costumavam afirmar que eu, Diónisos, não nasci de Zeus e que Sémele, por invenção de Cadmo, depois de subjugada por um mortal qualquer, atribuiu a Zeus a falta no leito cometida. Vangloriavam-se publicamente de que tal era o motivo por que Zeus a aniquilou, o ter forjado esses espon-sais. Por isso eu as sacudi para fora de suas moradas, tomadas de delírio, e, de espírito enlouquecido, habitam na montanha. E forcei-as a usar a libré das minhas orgias, e a toda a raça feminina dos Cádmos, a quantas mulheres havia, fi-las sair de casa, desvairadas. Misturadas junto com as filhas de Cadmo, debaixo dos verdes abetos, sentam-se nas rochas, sem a cobertura de um telhado. É que esta cidade tem de aprender até ao fim, ainda que o não queira, que lhe falta ser iniciada nos meus rituais báquicos e eu tenho de tomar a defesa de minha mãe Sémele, aparecendo aos mortais como a divindade que ela gerou para Zeus.”³

Esta passagem justifica a introdução do culto de Dioniso em Tebas: a vingança do deus por não ser reconhecido como tal, nem como filho de Zeus, pela própria família. E, para isso, ele fez-se acompanhar de mulheres da Lídia, as suas companheiras, o seu tíaso, que o ajudarão a divulgar o seu culto⁴. E aqui estabelece-se mais uma associação entre Dioniso e outras divindades: para além de filho de Zeus, há a ligação à deusa Cíbele, a Grande Mãe. Esta ligação faz-se por duas formas – o uso de tamboris e o mesmo tipo de culto orgiástico.

De realçar, ainda, a descrição do deus, feita por Penteu ao receber o deus prisioneiro:

“A verdade é que não és desgracioso de corpo, ó estrangeiro, pelo menos para o gosto das mulheres, por quem vieste a Tebas. Os teus cabelos compridos, porque não lutas nas palestras, caem-te pelas faces, plenos de desejo. Graças aos teus cuidados, possuis uma tez branca, conservada, não aos raios do Sol, mas no recato da sombra, e com a tua beleza consegues captar as graças de Afrodite.”⁵

É uma beleza quase feminina tal como aparenta sê-lo o seu comportamento e que está patente nas afirmações relativas aos cabelos, à pele e ao facto de não frequentar a palestra. Aliás, quando o deus convence Penteu a ir

³ Eurípides, *As Bacantes*, vv. 25-44.

⁴ Cf. Eurípides, *As Bacantes*, vv. 55-60.

⁵ Eurípides, *As Bacantes*, vv. 455-459.

observar as Ménades, persuade-o também a vestir-se como elas, fazendo-o atravessar a cidade como se fosse uma verdadeira bacante.

Mas Dioniso não é uma divindade qualquer. Para além da origem oriental do seu culto, está também associado à fertilidade e, conseqüentemente, a Deméter. Se não, atente-se na passagem do Coro que se refere às festas em honra do deus:

“Que prazer, nas montanhas, quando se sai das correrias
do tíaso, cair no solo,
vestido com o traje sagrado de pele de gamo,
andar à caça do sangue do bode imolado, da delícia da omofagia,
avançando pelas montanhas frígias, lídias, com Brómio à frente!
Evoé!
Do solo correm rios de leite, rios de vinho, rios de néctar
das abelhas.
Segurando, como o fumo
do incenso da Síria, a chama
incandescente da tocha do abeto,
no alto do bastão,
o celebrante de Baco instiga-as à corrida
e às danças, sacode as transviadas,
impele-as com seus gritos,
agitando nos ares a sua cabeleira macia.”⁶

Esta descrição recorda-nos aquelas que Homero e Hesíodo nos apresentam também, o primeiro ao referir-se à ilha que se situava face à ilha dos Ciclopes e que ninguém pisara, o segundo ao referir-se à Idade do Ouro. À semelhança dos exemplos referidos, também aqui há uma associação da fertilidade aos dons provenientes da terra. A facilidade com que se consegue o alimento, seja este a carne crua dos animais, seja o vinho, o mel, ou o leite. Tal como nas descrições de Homero ou de Hesíodo, também aqui estes produtos são cedidos pela terra, sem necessidade de qualquer esforço para os obter.

Precisamente por isto, não estranhemos que Tirésias contraponha às críticas de Penteu⁷ a associação entre Dioniso e Deméter:

⁶ Eurípides, *As Bacantes*, vv. 135-150.

⁷ Numa longa tirada (vv. 215 ss.), Penteu critica as festas em honra de Dioniso, classificando-as como bacanais e acusando as mulheres que nelas participam de, embriagadas, se submeterem à lascívia masculina, usando o culto do deus como pretexto.

“É que há duas coisas, ó jovem, que ocupam o primeiro lugar entre os homens: a deusa Deméter, que é a Terra, seja qual for o nome por que queiras designá-la; é essa que nutre os homens com alimentos secos; e o que chegou depois, o rebento de Sémele, o que, para a completar, inventou e introduziu entre os homens o licor dos cachos, o licor que faz cessar os desgostos dos atormentados mortais, quando se enchem da torrente da videira, e proporciona o sono como olvido dos males do dia a dia – nem há outro remédio contra o sofrimento. É ele que, sendo deus, é oferecido como libação aos deuses, de modo que é a ele que os homens devem as suas bênçãos.”⁸

Está confirmada a fertilidade de Dioniso. Mas não é este o seu único poder: também é profeta, dada a ligação entre transe e delírio aos poderes divinatórios⁹.

Mas sem dúvida que o seu maior poder provém das festas realizadas em sua honra, e que Eurípides nos descreve numa passagem do *Coro*. São festas trienais, que se realizam no Inverno. Nessa altura, um grupo de mulheres (o chamado *tíaso*), descalças, envergando roupas leves, dirige-se para as montanhas. Aí, acompanhadas por flautas e tamboris, dançam e correm freneticamente (*oreibasia*), apanham e dilaceram um animal selvagem (*sparagmos*) e comem-no cru (omofagia), atingindo assim o êxtase. Estão aqui as três partes do culto a Dioniso, que as mulheres só são capazes de realizar com aparente facilidade por estarem possuídas pelo deus. É o poder deste que faz com que todas estas fases do seu culto se cumpram. A fala do Mensageiro (vv. 679-774), ao contar a Penteu o que vira enquanto pastava o rebanho, ilustra-o bem: inicialmente as Bacantes dormem calmamente e “com decência”. Mas logo Agave ouve o mugir dos bois, e solta um grito que acorda todas as outras. Imediatamente se erguem, soltam os cabelos, coroam os cabelos com folhas de hera ou de flores do campo. Batem com o tirso numa rocha e no solo e logo jorra água e vinho. Arranhando a terra com as mãos, conseguem também encontrar leite. Da hera escorria o mel. Mas não se fica por aqui a descrição do boieiro. Num momento determinado, todas começam a invocar o deus, e segue-se a correria. E subitamente, ao verem os animais que pastavam, as Bacantes dilaceram-nos apenas com as próprias mãos.

É a descrição do culto de Dioniso na sua forma mais selvagem; mas é também a descrição (embora não relevante neste contexto) da sorte que espe-

⁸ Eurípides, *As Bacantes*, vv. 275-284.

⁹ Cf. v. 300: “É que, quando o deus penetra com força no corpo, faz com que as pessoas em delírio possam predizer o futuro.”

ra Penteu, que será esfacelado pela própria mãe, Agave, convencida de que estava a matar um leãozinho.

Diferente é a descrição de Teócrito relativamente às festas em honra de Adónis, que encontramos num dos seus *Idílios* – o Idílio XV, intitulado “As Siracusanas”¹⁰.

Como foi dito no início, ambas as festas têm em comum a fertilidade. Mas para o compreender, convém que recordemos o mito de Adónis e a instituição das suas festas. Adónis é o fruto dos amores ilícitos de Tiane, rei da Síria, com a sua filha Mirra¹¹. Quando este relacionamento é descoberto, Mirra foge e é transformada numa árvore – a árvore da mirra. É da sua casca que brota a criança, cuja beleza originou uma querela entre Afrodite e Perséfone. No entanto, quando cresceu, foi evidente a predileção de Adónis pela deusa do amor. O jovem dedicava-se à caça. Mas um dia, Afrodite irritou-se e lançou contra ele um javali que o feriu mortalmente numa caçada. A deusa arrependeu-se do seu acto e, ao correr, ter-se-á picado no espinho de uma rosa, que logo ficou manchada do seu sangue¹². E assim surge a associação entre Adónis e as flores, mais precisamente, as rosas. Atribui-se a Afrodite a instituição das festas em honra de Adónis, que seriam celebradas anualmente, na Primavera, por mulheres sírias. Foi no período helenístico que estas festas se difundiram no Mediterrâneo. Inicialmente, estas festas seriam simples e ilustravam a sorte do jovem: as mulheres plantavam sementes em vasos, que regavam com água quente, para que germinassem depressa. Eram os chamados “jardins de Adónis”. Devido à violência que resultava por serem regadas com água quente, estas plantas morriam cedo, como o jovem. Então, as mulheres lamentavam o destino de Adónis.

No entanto, a descrição de Teócrito é distinta. No seu Idílio ele apresenta-nos duas amigas naturais de Siracusa, que moram em Alexandria e que saem de casa, acompanhadas de uma escrava, para se dirigirem ao palácio de Ptolomeu, onde se celebram as festas em honra de Adónis. A dificuldade é grande, pois toda uma multidão de gente enche as ruas com o mesmo objetivo. O diálogo entre as duas amigas, os seus comentários, a sua preocupação

¹⁰ As citações deste Idílio são extraídas da tradução de Manuel de Paiva Boléo em *O Bucolismo de Teócrito e de Vergílio* (1936, pág. 46), que se encontra em Nuno Simões Rodrigues, *Traduções Portuguesas de Teócrito* (com prefácio de Victor Jabouille), Lisboa, Universitária Editora, 2000, pp. 119-125.

¹¹ A lenda apresenta-nos duas versões para estes amores: numa é Mirra que seduz o pai, sem que este saiba quem ela é; na outra, é ela que desconhece quem é o seu amante.

¹² Pensa-se que inicialmente as rosas fossem brancas e que só depois deste episódio terão surgido as rosas vermelhas.

com a serva e até o modo como se dirigem a estranhos mostram-nos vividamente todo o burburinho com um realismo espantoso. É próximo do palácio que deparam com o maior ajuntamento. Assim que o ultrapassam, começam a observar todo o trabalho que Arsínoe tivera nos preparativos da festa: primeiro as tapeçarias, tão belas que consideram que só poderiam ter sido feitas por deusas. Estas representam Adónis, “deitado na sua camilha de prata e com a primeira barba a descer-lhe pelas faces”¹³. As duas amigas realçam o realismo do trabalho e a habilidade do tecelão.

Mas o auge da festa é o canto em honra do jovem. A cantora exalta a beleza de Adónis, passando depois a associá-lo à fertilidade:

“Estão junto dêle todos os frutos da estação, todos os frutos que produzem as árvores; estão junto dêle os mimosos jardins guardados em cestos de prata e os vasos de oiro e de alabastro cheios de perfumes da Síria, todos os doces que na tábua de tender fabricam as mulheres com a branca farinha misturada a essências de variadas flores, com o doce mel, com o fluído azeite, em feitio de animais que voam e de animais que andam – todos se encontram junto dêle. Verdes caramanchões forma o brando, pendente aneto; voam sôbre ele os amores meninos como rouxinóis novinhos que nas árvores experimentam as asas esvoaçando de ramo para ramo.”¹⁴

Eis aqui o paralelismo com Dioniso, a associação de ambos à natureza. Contudo, no caso de Adónis salienta-se também a riqueza, relacionada com o tipo de festa que lhe é preparada em Alexandria:

“Ébano e oiro, águias de branco marfim que levam a Zeus, ao filho de Cronos o seu copeiro! Por cima colchas de púrpura – «mais suaves que o sono», diria uma Milésia; é um pastor de Samos. «Da nossa terra são as colchas em que se reclina o belo Adónis».¹⁵

A diferença entre os dois poetas e entre os períodos em que ambos vivem contribui para a diferença entre as duas obras. O objectivo de ambos é claramente distinto, devido ao género literário a que cada um está associado. Para o desenrolar da sua tragédia, Eurípides necessita de representar, não as festas tradicionais de Atenas em honra de Dioniso, mas aquelas que usual-

¹³ Cf. *op. cit.*, pág. 123.

¹⁴ *Op. cit.*, pág. 124.

¹⁵ *Op. cit.*, pp. 124-125.

mente são atribuídas ao deus e que reflectem todo o seu poder sobre os homens.

Por seu turno, Teócrito descreve as festas que no período helenístico se realizam em honra de Adónis. Embora nada tenham a ver com as festas originárias e cuja instituição é atribuída a Afrodite, há na sua descrição todo um conjunto de alusões ao mito e à origem das festas, como contraponto com a riqueza que Arsínoe lhes imprime. Podemos assim ver como dois autores nos retratam de formas tão diversas festas associadas à fertilidade.

Bibliografia:

- Eurípides, *As Bacantes* (introdução, tradução do grego e notas de Pereira, Maria Helena da Rocha), Lisboa, Edições 70, 1998.
- Teócrito, *Idílio XV: As Siracusanas ou As Mulheres na Festa de Adónis*, tradução de Boléo, Manuel de Paiva, em *O Bucolismo de Teócrito e de Vergílio* (1936, pág. 46), in Rodrigues, Nuno Simões (organização, introdução e notas), *Traduções Portuguesas de Teócrito* (com prefácio de Victor Jabouille), Lisboa, Universitária Editora, 2000, pp. 119-125.